

O PÉ DIREITO É O CÉU

Exposição organizada pelo Pescada N.5 em parceria com a Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Coimbra, integrada nas Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões, nos dias 12 e 13 de Outubro de 2024

O Pé Direito é o Céu remete para a problemática simbólica que tem representado Camões e a sua obra, em particular Os Lusíadas, em diferentes períodos da história portuguesa. *Dez de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas*, é um óbvio sintoma. As questões que daí advêm, não necessariamente em ciclo com um hipotético sentido de portugalidade, são, de forma subtil, levantadas pelas obras do Colectivo. Em *A Batalha de Aljubarrota, Decepados*, e em *Do Belicoso Reino Lusitano*, por exemplo, é invocada a singularidade nacional construída pela guerra, onde um povo invariavelmente derrota um inimigo imenso, cuja batalha travada no Campo de S. Jorge em 1385 representa paradigma exemplar. Na primeira obra, corpos alvos, purificados pela morte redentora, lembram os portugueses (...e os Ingleses?), mas também os que trocaram de bandeira, castelhanos e mercenários, e os de todas as outras guerras, enquanto alfaias agrícolas ficcionam a vontade popular porque, pelo menos nestas ocasiões, para a Nação, é necessária a presença do povo. A segunda obra desconstrói a linearidade

únivoca, quer das narrativas do “imaginário nacional”, quer de um devir premeditadamente inscrito na vontade divina, através da revelação do acaso na afirmação da realidade. É também o acaso que em *Erros meus, má fortuna, amor ardente*, virando espelhos para o céu sobre um plano de água produz uma sobreposição tautológica de reflexos, unindo as esferas celeste e terrena, “o mítico e o real”, apagando referentes como a câmara da Stieglitz apontada às nuvens em *Equivalentes*. Por outro lado, a natureza quando imprevisível e selvagem, sublimada entre a ameaça e o espanto, é erguida como inimigo a domar, tornando o feito tanto mais valoroso quanto maior a sua monstruosidade. Em *O Adamastor* desfaz-se a grandeza desse mito edificador num esboço de um monstro de frágil palha e na cacofonia repetitiva do previsível movimento de uma máquina. Na *Segunda lenda: O poeta salva a nado a língua portuguesa*, o naufrágio serve de pretexto a uma ficção com alguns ingredientes da tragédia aristotélica, onde o infortúnio, a dor e a perda, induzem a compaixão e identificação catártica colectiva

com a ação do personagem e o objecto simbólico que salva. E, em *Tempo, Entropia e Caos*, a ideia de “desagregação” coexiste com o seu oposto na formulação matemática de ouro que subjaz à geometria da espiral, tal como círculo, forma perfeita, revela a ordem universal em *Converteu-se-me em noite o claro dia*. A Natureza inóspita, submetida à vontade suprema de um povo, dulcifica-se noutras ocasiões, pelo poeta, em arcádias pastoris, como em *Latitude da Água*, ou metamorfosce-se, em *Fac-símile*, ao capricho dos cuidados humanos. Em *Ninfas do Mondego* invoca-se a ajuda desses seres etéreos (...que navego/Por alto mar, com vento tão contrário) que, para Warburg, representam fórmulas emotivas, *Pathosformel*, que recorrendo ao longo dos diferentes períodos artísticos, nos ligam às raízes ocidentais da tradição clássica.

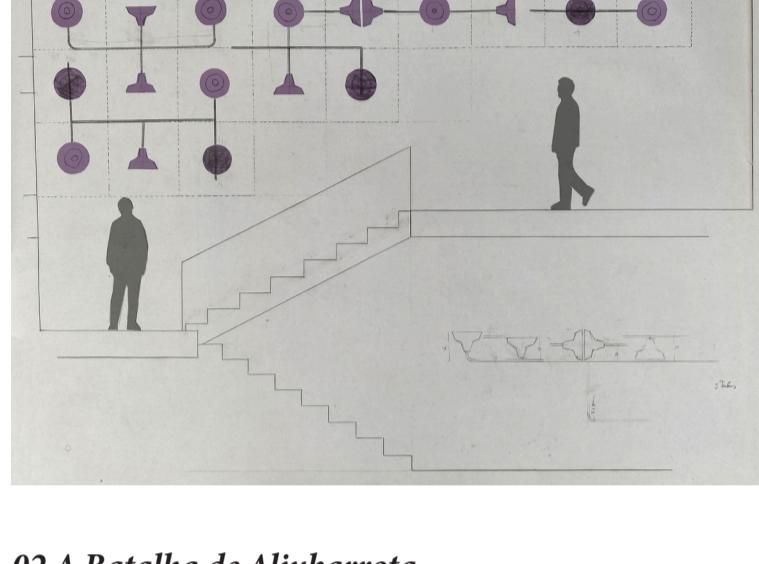
José Pedro Reis

01 Sem nome próprio

RUI MATOS

No meu processo de trabalho, enquanto escultor, começo por desorganizar e desestruturar uma ordem existente para depois a reconstruir numa nova realidade.

Aqui, o antigo sistema de iluminação do Picadeiro da Escola Superior Agrária de Coimbra foi desativado e em parte guardado pelos seus responsáveis. Assim, a primeira parte do meu trabalho ficou completa, apenas tive de reconstruir uma nova realidade.



02 A Batalha de Aljubarrota

Decepados

Adolfo Caboclo, Carlos Júlio, Ilda Moura, Isabel Dores, Leonor Gusmão, João Pidrança, Raquel Sebastião, Susana Gonçalves

Armas

Adolfo Caboclo, Carlos Júlio, DrGica, Inês Moura

Performance

João Camões, Vanda Ecm

Já pelo espesso ar os estridentes/ Farpões, setas e vários tiros voam;/ Debaxo dos pés duros dos ardentes/ Cavalos tremem a terra, os vales soam./ Espedecam-se as lanças, e as frequentes/ Quedas co as duras armas tudo atroam./ Recrecem os inimigos sobre a pouca/ Gente do fero Nuno, que os apouca.

Est. 31, Canto IV, Os Lusíadas, Luís Vaz de Camões

Um campo de batalha. O mundo. Século XIV, Nuno e os verdadeiros portugueses defendem a sua terra. Camões reconstitui magistralmente o horror da *incerta guerra*, legitimizada pelas raízes de uma pouca gente que teimosamente resistia ao peito cobiçoso e sitibundo que pretendia tomar o alheio.

Hoje, ouvimos, vemos, sentimos esse horror, em Gaza, na Ucrânia, em todos os lugares que servem a ambição, a mesma e eterna senha que pretende condenar o miserando povo à morte e à submissão.

Neste campo verde evoca-se a guerra, mas, simultaneamente, a presença da vontade popular aquela que (ainda) pode recusar o que é *in+certo*.



03 Ninfas do Mondego

ALDA REIS

Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,/ Eu, que cometo, insano e temerário,/ Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,/ Por caminho tão árduo, longo e variado!

Est. 78, Canto VII, Os Lusíadas, Luís Vaz de Camões

As Ninfas ou Camenas, que Camões invoca no Canto VII dos Lusíadas, são sinônimo de musas, entendidas como divindades inspiradoras. A primeira Ninfá, em forma de círculo, destina-se a “aclamar os céus, dar luz às estrelas e vida aos amores” (António Ferreira).

A segunda Ninfá relembará o fraco batel (estrofe 78) que nos transporta no curso da vida e dá corpo aos nossos desejos, os quais estão sujeitos ao carácter probabilístico da ocorrência dos acontecimentos, aqui ilustrado simbolicamente através da forma de votação na Universidade de Coimbra, com recurso a bolas pretas e brancas.



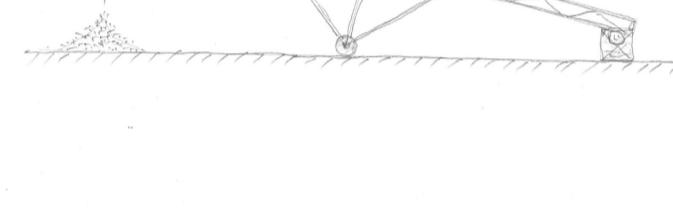
04 O Adamastor

ANTÓNIO NETO, CARLOS JÚLIO, DRGICA, JORGE MARTINHO, JOSÉ PEDRO REIS, VANDA ECM

Converte-se a carne em terra dura;/ Em penedos os ossos se fizeram;/ Estes membros que vés, e esta figura,/ Por estas longas águas se estenderam./ Enfim, minha grandíssima estatura/ Neste remoto Cabo converteram/ Ós Deuses; e, por mais dobradas mágoas,/ Me anda Tétis cercando destas águas.

Est. 59, Canto V, Os Lusíadas, Luís Vaz de Camões

Adamastor, o monstro. Adamastor, o medo convertido em corpo. Adamastor, frágil, vergado pela fúria divina, pelo desprezo. Adamastor, um Sísifo revisitado, um outro Prometeu agrilhado ao torrão que o pariu, ao amor que o tenta eternamente e nunca será seu. Adamastor, imagem de desafio e castigo no canto do “príncipe dos poetas”, no ruído imparável da Máquina. (Mas o tempo, irmamndo na mesma carne e osso todas as criaturas, esboroa a matéria que é grão da mesma mó, como diria um cantautor de fama, no século XXI.)



05 Tempo, entropia e caos

PAULO JORGE LUCAS, PAULO PEREIRA

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades/ muda-se o ser, muda-se a confiança/ todo o Mundo é feito de mudança,/ tornando sempre novas qualidades

Luís Vaz de Camões

A entropia, entendida como tendência para o aumento da desordem e do caos, pode ser relacionada com a visão camoniana do destino humano.

Camões não celebra apenas as conquistas. Reconhece a fragilidade dessas vitórias diante das forças da natureza. Trata-se de uma luta metafórica contra as forças do caos.

Outra ideia que pode ser tida em Camões é a da espiral do tempo. Ao contrário de uma visão linear de progresso infinito, a obra do poeta sugere uma visão cíclica da história.

Assim, tempo e entropia estão interligados. A espiral tem o peso simbólico do tempo, e a água, em ciclos, acelera a dissolução do desenho, num claro processo entrópico e de desagregação.



06 «Do Belicoso Reino Lusitano»

ADOLFO CABOCLO, CARLOS JÚLIO, JORGE MARTINHO, LUÍS LUCAS PEREIRA

Do Belicoso Reino Lusitano é uma instalação sítio específico baseada nas obras Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões através de uma pintura tipográfica sobre prado. Um painel de vinte metros e cinco vacas, cada uma com uma letra (R, E, I, N, O), geraram novas combinações de leitura à medida que se movem no espaço. Este trabalho inspira-se na escrita experimental e em jogos de linguagem que desafiam a linearidade, refletindo a fragmentação das narrativas que compõem a construção do imaginário nacional.

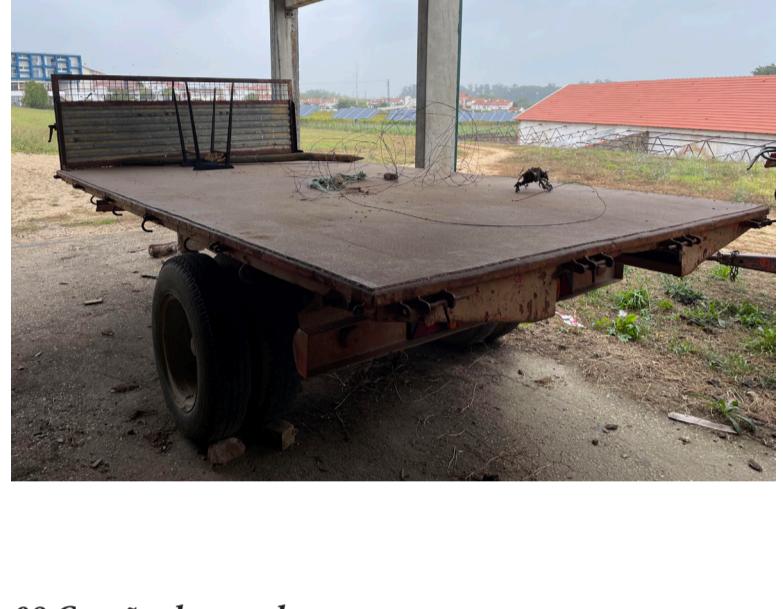


07 «Quando da celsa gávea os marinheiros/ Enxergam terra alta, pela proa.»

ESAC

“A maior parte aqui passam do dia,/ Em doces jogos e em prazer contínuo./ Ela nos paços logra seus amores,/ As outras pelas sombras, entre as flores.”

Est. 87, Canto IX, Os Lusíadas, Luís Vaz de Camões



08 Camões laureado

PAULO JORGE LUCAS, PAULO PEREIRA

Se me vem tanta glória só de olhar-te,/ É pena desigual deixar de ver-te;/ Se presumo com obras merecer-te,/ Grão paga de um engano é desejar-te

Luís Vaz de Camões

Esta coroa de louros, no topo de um tronco, é uma homenagem à face mais apaixonada e intensa de Luís Vaz de Camões. Reconhecido pela sua profunda sensibilidade amorosa, o poeta expressou nos seus versos os desejos, as paixões e a sensualidade que atravessaram a sua vida e a sua obra. A coroa de louros, tradicional símbolo de imortalidade e glória, adornando o tronco, ressalta a união entre o amor erótico e a criação poética, evocando a força vital e o desejo que Camões tão eloquientemente dedicou às suas musas.



09 «Erros meus, má fortuna, amor ardente»

LUÍSA BEBIANO, NUNO MAIA

Ninguém ama absolutamente tudo. Entre o terreno e o etéreo, há o intangível, onde o amor passa pelo erotismo e se transforma em algo que na verdade não existe. O amor é inatingível porque a sua sublimação existe na sua ausência, na sua impossibilidade.

Camões utilizou esta dicotomia, relacionando a paixão, a religião e a pátria. E na sua ideia de verdade, há a morte como confirmação. A morte pela crença, pela honra, por sacrifício, pelo amor. “Ninguém se torna um herói sem uma grande dose de mistificação.”

Extravasando o nosso corpo físico e mortal, estes espelhos são uma demonstração de que a terra e o céu se unem. O físico e o etéreo, por uma fração de segundos, tocam-se. Até ao infinito.

O amor e a vida, o crente e o pagão, o herói e o comum, o mítico e o real, os deuses e os mortais, podem olhar o reflexo do impossível, quando “o pé direito é o céu”.



10 Latitude da Água

CLARA MOURA, JOÃO PIDRANÇA

Descalça vai para a fonte, Lianor pela verdura;/ Vai fermosa e não segura

Luís Vaz de Camões

Recorrendo ao bucolismo da poesia camoniana, Latitude da Água revisita o imaginário lírico e simbólico das fontes de água viva, nascentes que jorrão no meio da natureza, alegoria da origem da vida, do rejuvenescimento perpétuo e da imortalidade.

A água – primeira manifestação da matéria cósmica fundamental para a fecundação e o crescimento das espécies – é hoje um bem essencial cada vez mais ameaçado, e a sua escassez torna-se uma ameaça para a vida e para a humanidade.

A fonte de onde jorrava a água em abundância mirrou, e cada gota,

mínima mas contínua, evoca a latitude do tempo e da memória, a

resiliência dos elementos e a forma como a água, mesmo em escassez,

encontra o seu caminho. E Lianor aguarda, “fermosa e não segura”.



11 Cadeira namoradeira

PAULO JORGE LUCAS, PAULO PEREIRA

Alma minha gentil, que te partiste/ Tão cedo desta vida descontente

Luís Vaz de Camões

Da leitura superficial para outra de base paradoxal chega-se ao Amor cantado; o desgraçado amor a que se convencionou chamar “romântico” seria muito menos desatinado se uma Dinamene ou outra, das muitas misteriosas amadas, se sentasse na cadeira. Da Lapa dos Esteios até

ao Choupal, quantas trianguladas conversas, mediadas por satélites

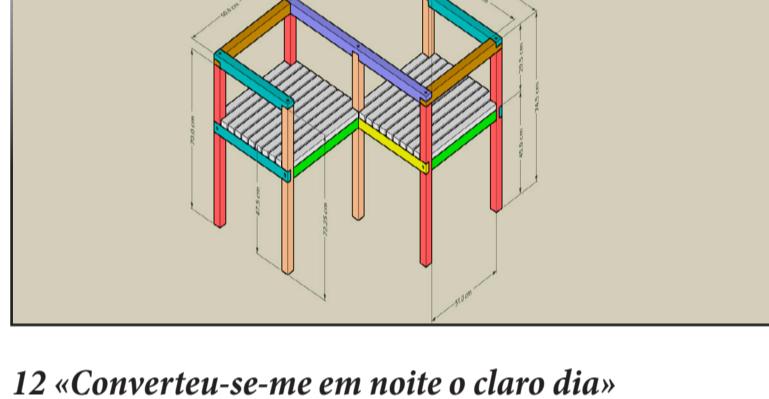
e antenas repetidoras de sinal não ganhariam concretude, depuradas

dos não menos ambíguos emojies, se facebookianos, instagramianos e

outros vorazes do tempo se sentassem nelas?

Tal como no Tango ou no balanço, o objecto funciona a dois, com

pontos de vista opostos, mas concordantes — incongruência geométrica à parte.



12 «Converteu-se-me em noite o claro dia»

ANA FROIS, ADOLFO CABOCLO, ANTÓNIO NETO, DRGICA

Assim cantava, quando Amor virou/ A roda à esperança, que corria/ Tão ligeira, que quase era invisível// Converteu-se-me em noite o claro dia;/ E, se alguma esperança me ficou,/ Será de maior mal, se for possível.

Luís Vaz de Camões

Converteu-se-me em noite o claro dia é uma circunferência com 20m de raio 1m de largura, desenhada no prado verde da Agrária de Coimbra, com areia fina e pigmento vermelho.

A circunferência, elemento comum na natureza, é simultaneamente uma figura geométrica fundamental com aplicações nos instrumentos de

medir o tempo. Nesta proposta, a circunferência remete para o tempo circular, por oposição à ideia do tempo linear. A ideia de tempo circular

está presente nos sonetos de Camões: acontecimentos que se sucedem,

bons ou maus, o dia que sucede à noite, num movimento do ciclo

natural das coisas.



13 Fac-Símile

CATARINA PARENTE, INÉS MOURA, JOÃO PIDRANÇA, LILIAN WALKER, MARCELO MOSCHETA, SAMIR BICHARA

Qual o reflexo lume do polido/ Espelho de aço, ou de cristal
fermoso/ Que, do raio solar sendo ferido,/ Vai ferir noutra parte
luminosa;/ E, sendo da ociosa mão movido,/ Pela casa, do moço
curioso,/ Anda pelas paredes e telhado,/ Trémulo, aqui e ali, e
desossegado.

Est. 87, Canto VIII, Os Lusíadas, Luís Vaz de Camões

As algas localizadas nas águas dos tanques da Agrária de Coimbra

desenvolvem uma metamorfose quando se deslocam da água, enrijecendo, compondo uma tessitura e assumindo a forma do novo substrato que as acolhe. Tal metamorfose é destacada pela obra no espelhamento criado a partir de uma das estruturas do muro barroco em frente ao tanque. As algas são deslocadas da superfície da água

para a superfície da réplica do muro, estabelecendo nessa condição de revestimento uma conexão entre o orgânico e o rígido, o interno e o

externo, o permanente e o efémero.



14 Herbário Re-imaginado

CARLOS JÚLIO, ILDA MOURA, ISABEL DORES, JOÃO PIDRANÇA, LEONOR GUSMÃO, RAQUEL SEBASTIÃO E SUSANA GONÇALVES

Estava a Terra em montes, revestida/ De verdes ervas e árvores floridas,

Est. 12, Canto VI, Os Lusíadas, Luís Vaz de Camões

A botânica camoniana dos Lusíadas é o mote para interpretar e criar este herbário a várias mãos.

Primeiro a impressão no barro, depois a passagem para o seu positivo em gesso. Desta feita, fossilizam-se no tempo os diferentes elementos orgânicos onde se pretende envolver, em simultâneo, a obra poética com a natureza.

Rosa, madressilva, hortênsia e beladona são algumas das flores colectadas na Agrária de Coimbra e que corporizam esta mostra em baixo-relevo.



15 Proteu enfundado

ANA BOTELHO, CONSTÂNCIA DUARTE, LEONOR GUSMÃO, PAULO JORGE LUCAS

Já no largo Oceano navegavam,/ As inquietas ondas apartando;/ Os ventos brandamente respiravam,/ Das naus as velas côncavas inchando;/ Da branca escuma os mares se mostravam / Cobertos,

onde as proas vão cortando/ As marítimas águas consagradas,/ Que do gado de Próteo são cortadas

Est. 19, Canto I, Os Lusíadas, Luis Vaz de Camões

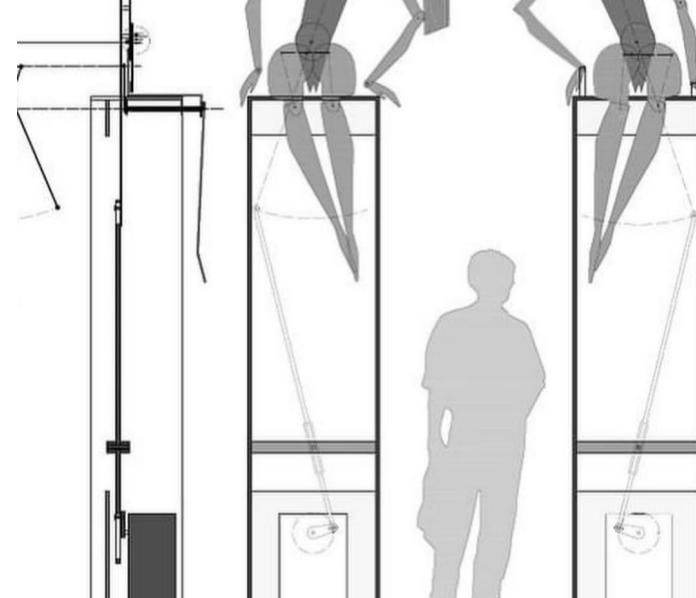


16 A menina nua

VIRGINIO MOUTINHO

Cum delgado cendal as partes cobre / De quem vergonha é natural reparo;/ Porém nem tudo esconde nem descobre/ O véu, dos roxos lirios pouco avaro;/ Mas, para que o desejo acenda e dobre,/ Lhe põe diante aquele objecto raro./ Já se sentem no Céu, por toda a parte,/ Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

Est. 37, Canto II, Os Lusíadas, Luis Vaz de Camões



17 Ao meio-dia, os pássaros

ISABEL DORES

Ninho colaborativo com ramos de Adolfo Caboclo, Alda Reis, Carlos Júlio, Ilda Moura, Isabel Dores, João Duarte, João Pidrança, Leonor Gusmão, Maria Antonia Ferro e Raquel Sebastião.

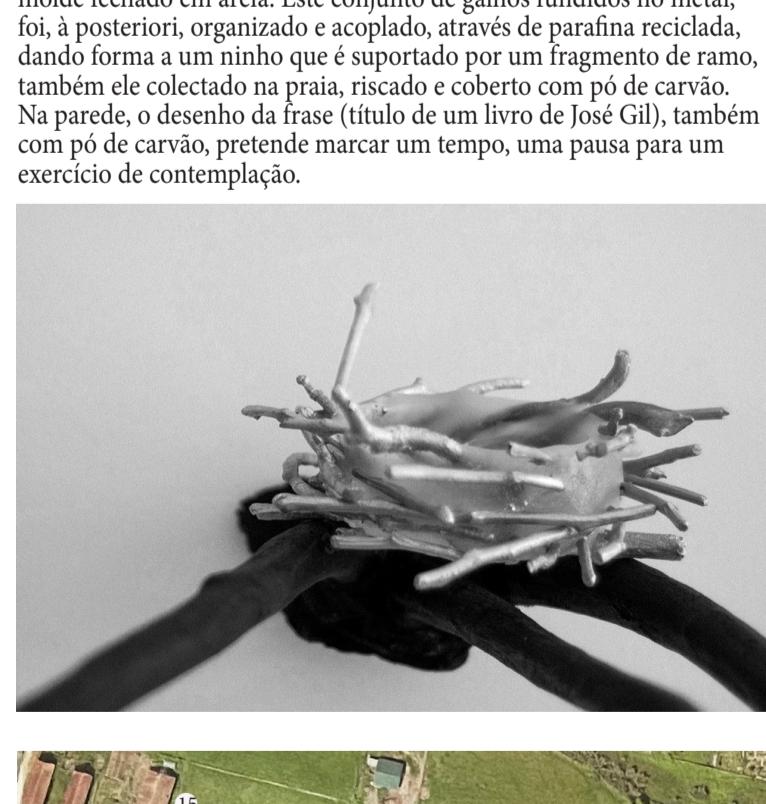
Pois, se as aves no ar cantando voam,/ Alegres animais o chão povoam.

in Os Lusíadas, Luis Vaz de Camões

A partir da respiga de pequenos ramos que o mar devolveu, depois de os engolir, convidou-se o colectivo da Estação Loretto para reproduzir estes pequenos elementos em estanho através da técnica manual do molde fechado em areia. Este conjunto de galhos fundidos no metal, foi, à posteriori, organizado e acoplado, através de parafina reciclada, dando forma a um ninho que é suportado por um fragmento de ramo, também ele colectado na praia, riscado e coberto com pó de carvão.

Na parede, o desenho da frase (título de um livro de José Gil), também com pó de carvão, pretende marcar um tempo, uma pausa para um

exercício de contemplação.



As três lendas de Parnaso

CARLOS CAMPOS, FÁTIMA FELICIANO, PAULO JORGE LUCAS, SOFIA LOBO, SUSANA GONÇALVES

18 Primeira lenda: o poeta tem fome

Cinco galinhas e meia/ deve o Senhor de Cascais/ e a meia vinha cheia/ de apetitos para as mais.

Luís Vaz de Camões (volta para D. António de Castro)

Segundo a lenda, para sobreviver, Camões precisou de trocar poemas por galinhas. Do sonho e do realizado à fome e à premência de uma asa trincada para manter a imaginação alada. Camões vende versos para matar a fome, jogando os ossos aos sequiosos de palavras, que não degustam, mas embucham. Elevação do épico, palavras elevadas nas asas do império, o poeta liberta o confronto com o monstro que destrói para construir e se dizer Deus, mendigando a asa, recriando o mundo sob o seu olho estropiado, numa dicotomia entre o mundanismo e a superioridade divina da asa, que salva o corpo ao ser despida de penas e salva o humano da sua humanidade ao ser emplumada no imaginário dos que sonham sermos os senhores do universo, ou eternos e etéreos.



19 Segunda lenda: O poeta salva a nado a língua portuguesa

Reza a história que Camões terá naufragado no rio Mekong quando regressava a Portugal. Nadando com apenas uma mão, salvou do mar o manuscrito de Os Lusíadas. À obra lírica que estava a organizar, Parnaso, foi roubada em Moçambique. Os Lusíadas e a lírica camoniana conhecida marcaram a língua e a herança literária portuguesas. Uniram-nos, tendo em conta que a nossa pátria é a nossa língua. Mas... e se Os Lusíadas tivesse encontrado um destino semelhante ao de Parnaso? Que ecos da nossa identidade ressoariam hoje? E o que nos daria Parnaso?



20 Terceira lenda: Os navegantes e os esquecidos entre as neblinas e as estrelas

Segundo o mito, os navegadores portugueses descobriram e deram novos mundos ao mundo. Camões glorificou essa expansão em versos épicos dignos de ser lidos a El-Rei. Sob a proteção de deuses e ninhas, os navegadores enfrentaram a complexidade das interações coloniais, as tensões culturais e religiosas, e viveram conflitos, curiosidades e admirações pelo Outro. Hoje, reconhecemos que o Outro somos todos nós. Como seriam os cantos de Os Lusíadas se fossem escritos por cada povo com que se cruzaram os navegadores?



AGRADECIMENTOS

Escola Superior Agrária de Coimbra

Instituto Politécnico de Coimbra

Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra

Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões

Artsworks, JACC-Jazz ao Centro Clube, ESEC TV

Pescada Número 5 (P5) é constituído por um grupo de cidadãos que desde 2002 se têm dedicado à arte, entendida como instrumento de intervenção social, em torno de projetos que valorizam tanto a obra individual como a interação colectiva com o meio e a comunidade. É um resultado desta postura, culminam, com frequência, na realização de exposições e ações públicas, na sua maioria na área geográfica de Coimbra, onde o colectivo nasceu. Tratam-se, em geral, de acontecimentos fugazes, com duração de um dia a uma semana, procurando envolver artistas e pessoas cuja ocupação principal não é, habitualmente, no domínio da arte, abrangendo áreas tão diversas como a pintura, escultura, desenho, fotografia, dança, teatro, música, ou performance. Ocorrem em espaços estranhos ao circuito habitual das exposições de arte, edifícios urbanos muitas vezes num estado de abandono ou de transição entre diferentes utilizações, esculpidos nos diversos locais da cidade, valorizados enquanto espaços de arquitetura mas sobretudo enquanto lugares de contexto para os temas escolhidos.

Últimas exposições

Nada me seduz tanto como poder parar | Edifício Chiado | 2024

O sal que não salga | Manutenção Militar | 2023

23º Célsius | Coimbra Editora | 2022

Pedra a Pedra | Mira Forum | 2022

Caiu a Noite | Edifício Chiado | 2022

É Primavera no Paço | Paço dos Condes de Tentúgal | 2022

Admirável Mundo Novo | Sociedade de Parelhanas de Coimbra 2021

Sinfonia Para Um Homem Só | Mata dos Carvalhos - ESAC | 2020

Edição: Frederico Martinho | Revisão: Carlos Júlio

